

Anthony Doerr

Autor de TODA LUZ QUE NÃO PODEMOS VER

QUATRO
ESTAÇÕES
EM
ROMA

Memórias de um escritor americano na Itália



**QUATRO
ESTAÇÕES
EM
ROMA**

Anthony Doerr

**QUATRO
ESTAÇÕES
EM
ROMA**

Memórias de um escritor americano na Itália

Tradução de Marcelo Levy



Copyright © Anthony Doerr, 2007

TÍTULO ORIGINAL

Four Seasons in Rome

PREPARAÇÃO

Taissa Reis

REVISÃO

André Marinho

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D673q

Doerr, Anthony

Quatro estações em Roma : memórias de um escritor americano na Itália / Anthony Doerr ; tradução Marcelo Levy. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

240 p. ; 21 cm.

Tradução de: Four seasons in Rome

ISBN 978-85-510-0034-2

1. Doerr, Anthony, 1973 - Viagens - Itália - Roma. 2.

Escritores americanos - Biografia. 3. Roma (Itália) - Descrições e viagens. I. Levy, Marcelo. II. Título.

16-37345

CDD: 928.1

CDU: 929:821.111(73)

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Henry e Owen

A chuva desaba, as nuvens se erguem, os rios secam, os dilúvios varrem a terra; os raios queimam e se impõem, vêm de toda parte e atingem a Terra no centro do mundo, depois se quebram, se recolhem e carregam consigo a umidade que sugaram. O vapor cai do alto e volta para o alto. Ventos vazios varrem a terra e, então, retornam com suas pilhagens. Tantas criaturas extraem da atmosfera o ar que respiram; mas o ar persiste na direção oposta, e a Terra devolve a respiração ao céu como se a devolvesse a um vácuo. Assim, enquanto a natureza vai e volta constantemente, como num balanço, a discórdia é semeada pela velocidade do movimento do mundo.

PLÍNIO, o VELHO

HISTÓRIA NATURAL, 77 D.C.¹

Outono

A ITÁLIA SE APROXIMA, AMEAÇADORA. FAZEMOS LISTAS — fraldas, roupa de cama para os berços, um abajur. Leite em pó. Vinte barrinhas de cereal Nutri-Grain. Nunca comemos barrinhas Nutri-Grain na vida, mas agora, de repente, parece indispensável ter algumas à mão.

Observo nosso dicionário de bolso inglês-italiano novinho em folha e fico preocupado. Será que contém a entrada “aqui está meu passaporte”? Contém “pelo amor de Deus, onde posso comprar um pacote de lençinhos umedecidos para bebês”?

Fingimos estar calmos. Nenhum de nós dois está disposto a admitir que amanhã embarcaremos em um Airbus com gêmeos de seis meses e nele passaremos catorze horas a doze mil metros de altitude. Em vez disso, abrimos e fechamos o zíper das malas, tiramos as rodas do carrinho de bebê e estudamos fotos pequenas e granuladas da basílica de São Pedro no site de viagens ricksteves.com.

Chuva em Boise, vento em Denver. O avião rasga a troposfera a novecentos e sessenta quilômetros por hora. Owen dorme em um amontoado de cobertores entre nossos pés. Henry dorme

nos meus braços. Há turbulência durante todo o percurso sobre o Atlântico; as divisórias chacoalham, os vidros tilintam, as travas dos compartimentos da tripulação abrem e fecham.

Estamos nos mudando de Boise, Idaho, para Roma, Itália, onde nunca estive. Quando penso na Itália, imagino opulência, quadros a óleo em tons escuros de marrom e imperadores de sandália. Vejo o corte transversal de uma maquete escolar do Coliseu feita com cola e cubinhos de açúcar; vejo uma saboneteira branca e azul-marinho comprada em Florença, com uma lasquinha faltando no canto, que minha mãe manteve na pia do banheiro durante trinta anos.

Mas o que vejo com mais clareza é um livro de colorir que ganhei de Natal quando era criança, chamado *Roma Antiga*: dois bebês mamando nas tetas de uma loba, César sorrindo com sua coroa de folhas, uma virgem sensual de olhos grandes posando com uma jarra ao lado de uma fonte. A imagem que eu tinha de Roma naquela época — aos sete anos, na noite de Natal, com flocos de neve se espatifando nas janelas, um pinheiro cheio de luzinhas piscando no andar de baixo e lápis de cor espalhados no carpete — não mudou muito com o passar do tempo: contornos de elefantes e gladiadores com palácios caricaturais ao fundo, a sensação de que eu havia escolhido as cores erradas. Verde-água para as carruagens, dourado para o céu.

Na telinha instalada no encosto do assento à minha frente, o pequeno ícone representando nosso avião passa por Marselha e Nice. Uma mamadeira cheia de leite em pó já preparado, caída de lado no bolso de revistas da cadeira, encharca o tecido e pinga em minha mala de mão, mas deixo que vaze para não me mexer e correr o risco de acordar Henry. O tempo que levamos para ir da América do Norte à Europa é suficiente para assistir a um

filme com Lindsay Lohan e dois episódios de *Everybody Loves Raymond*. A temperatura lá fora é de cinquenta e um graus Celsius negativos.

Um táxi nos deixa em frente a um palácio: estuque e mármore travertino, fachada com cinco divisões, escada emoldurada por plantas esculpidas. O porteiro apaga o cigarro na sola do sapato e pergunta, em inglês: “Vocês são os que têm os gêmeos?” Depois aperta nossa mão e nos entrega um molho de chaves.

Nosso apartamento fica em um prédio vizinho ao palácio. O portão da frente é de ferro, tem quase três metros de altura e está todo arranhado; é como se cachorros selvagens tivessem tentado invadir o pátio. Usamos uma das chaves para abri-lo e encontramos a entrada na lateral do edifício. Do carrinho, os meninos observam tudo com os olhos arregalados. Entramos com eles em um elevador tipo gaiola, com portas de madeira que abrem para dentro. Passamos ruidosamente por dois andares. Ouço guinchos, freios de caminhão. Passos de vizinhos ecoam na escada, uma porta é fechada. Há vozes de crianças. Três andares abaixo, o portão de ferro bate fazendo estardalhaço.

Nossa porta se abre para um corredor estreito, que encho aos poucos com a bagagem. Shauna, minha esposa, carrega os bebês para dentro. O apartamento é maior do que esperávamos: dois quartos, dois banheiros, armários novos, pé-direito de três metros e meio, piso de cerâmica que reverbera ruídos. Uma velha escrivaninha e um sofá azul-marinho. A geladeira fica escondida dentro de um armário. Há apenas uma obra de arte: um pôster de sete ou oito gôndolas cruzando um porto, com uma praça enevoadá ao fundo.

O ponto alto do apartamento é o terraço, ao qual se chega através de uma portinha estreita no canto da cozinha, como se o arquiteto só tivesse percebido a necessidade de uma passagem no último momento. Com nove metros de extensão, ele se debruça sobre a entrada do prédio, a quinze metros de altura. Dali é possível ver partes de Roma por entre as copas das árvores: telhados de terracota, três ou quatro domos, um campanário de dois níveis, o verde entrecortado dos jardins nos terraços, tudo abafado pela bruma, estranho e inverossímil.

O ar está úmido e quente. Tenho a impressão de sentir um indistinto aroma de repolho.

— Isso é nosso? — pergunta Shauna. — O terraço inteiro?

Sim, é. Não há nenhuma outra entrada para ele além da nossa porta.

Colocamos os bebês nos berços, que são diferentes um do outro e não parecem particularmente seguros. Um mosquito voa pela cozinha. Dividimos uma barrinha de Nutri-Grain e comemos cinco pacotes de biscoito de água e sal. Nos mudamos para a Itália.

Durante um ano serei bolsista da Academia Americana em Roma. Aqui não há alunos nem professores, apenas um punhado de artistas e estudiosos que ganharam um ano de estadia em Roma para realizar projetos independentes.

Minha área é literatura. Só preciso escrever. Sequer tenho que mostrar a alguém o que escrevo. Em troca, me dão um estúdio, a chave deste apartamento, dois tapetes para banheiro, um jogo de toalhas lavadas toda quinta-feira e mil e trezentos dólares por mês. Vamos morar na colina Gianicolo, uma onda verde de árvores e casarões que se estende por algumas centenas

de metros e uma série de escadas de pedra centenárias acima do bairro romano chamado de Trastevere.

Subo em uma cadeira no terraço e tento localizar o rio Tibre no meio do emaranhado de prédios ao longe, mas não vejo barcos nem pontes. Um guia que encontrei na biblioteca pública de Boise informava que o Trastevere era um bairro charmoso, cheio de igrejas pré-renascentistas, ruelas medievais e casas noturnas. Tudo o que vejo está enevoado: telhados e copas de árvores. Ouço o rumor do trânsito.

Uma palmeira diante da janela recorta o pôr do sol. A torneira da cozinha goteja. Não fomos nós que nos candidatamos a essa bolsa; nem sabíamos que ela existia. Há nove meses, recebemos uma carta da Academia Americana de Artes e Letras dizendo que meu trabalho tinha sido indicado por um comitê anônimo. Quatro meses depois, recebemos uma carta informando que havíamos sido selecionados. Shauna ainda estava no hospital e nossos filhos tinham nascido havia apenas doze horas quando, parado na neve derretida em frente ao nosso prédio, encontrei o envelope na caixa de correio.

A privada do banheiro tem dois botões de descarga, um deles com o dobro do tamanho do outro. Começamos a debater: na minha opinião, eles liberam a mesma quantidade de água; Shauna defende a tese de que o botão maior é para serviços mais pesados.

Como sempre acontece quando se está longe de casa, são os detalhes que nos fazem sentir deslocados. As janelas não têm telas. As sirenes que passam pela rua têm um som um pouco mais grave. O mesmo acontece com o barulho do nosso telefone de plástico vermelho. Quando fazemos xixi, ele não cai na água, e sim na porcelana do vaso sanitário.

As torneiras do banheiro estão sinalizadas com as letras *C* e *F*, sendo que o *C* indica *calda*, quente em italiano, e não *cold*, frio em inglês. A geladeira tem o tamanho de um frigobar. Há uma alavanca de ferro sem identificação instalada na parede atrás da bancada da cozinha. Para abrir o gás? Água quente?

Os berços que a Academia nos emprestou não têm protetores acolchoados nem lençóis, mas têm o que achamos serem travessieiros: retângulos de espuma de três centímetros de espessura envolvidos em tecido de algodão.

O detergente cheira a limão galego com sal. Os mosquitos são maiores. Em vez de closets, os quartos têm guarda-roupas imensos e bolorentos.

Shauna inspeciona o espaço triangular que se transformará em cozinha, sala de jantar e sala de estar.

— Não tem forno.

— Não tem forno?

— Não tem forno.

— Será que os italianos não usam forno?

Ela me encara.

— Eles inventaram a pizza.

São quinze para a meia-noite, mas no relógio digital do micro-ondas lê-se 23:45, e não 11:45, como no padrão dos Estados Unidos. Será que, à meia-noite, estará escrito 0:00?

No primeiro dia, vamos dormir por volta da meia-noite, mas os meninos acordam à uma, chorando nos berços desconhecidos. Shauna e eu cruzamos um com o outro no corredor, indo e vindo, cada um embalando um bebê.

O jet lag me traz uma secura nos olhos e um desconforto na coluna. Acordamos em Boise, dormimos em Roma. Do outro lado da grade do terraço, a cidade é um campo infinito de som-

bras. Os ossos de Keats, Rafael e São Pedro jazem decompostos em algum canto. O papa sonha a menos de um quilômetro de distância. Owen pisca para mim, de boca aberta e com a testa franzida, como se sua alma ainda estivesse em algum ponto sobre o Atlântico, tentando se reencontrar com o resto dele.

Amanhece, e nenhum de nós chegou a pregar os olhos. Precisamos de dinheiro, precisamos de comida. Remonto nosso carrinho de bebê e, com muito custo, desço a escada com ele. Shauna acomoda e afivela os meninos. Do lado de fora do portão, a calçada se oferece à esquerda e à direita. O céu está úmido e rasgado por nuvens. Um carro minúsculo acelera pela rua e faz girar um saco plástico.

— Tem mais trânsito à esquerda — diz Shauna.

— E isso é bom?

— Talvez mais trânsito signifique que tem mais lojas...

Estou me opondo a essa lógica quando uma vizinha aparece atrás de nós. Baixinha, cheia de sardas, de aparência altiva. É americana. Se chama Laura. O marido também é bolsista da Academia, mas em paisagismo. Ela acabou de pôr os filhos no ônibus escolar, está levando o lixo reciclável para o ponto de coleta e depois vai comprar carne moída.

Ela nos conduz para o lado esquerdo. Seguindo pela calçada, vinte metros adiante, quatro ruas convergem debaixo de uma arcada maciça de estuque chamada Porta San Pancrazio, um portão nas antigas muralhas romanas. Não há semáforos. Carros compactos avançam pouco a pouco, cada um cavando um espacinho em meio ao tráfego. Um ônibus se mistura à confusão. Logo chega um caminhão com a carroceria cheia de móveis. Aparecem então duas scooters. Parece que todos estão convergindo para a mesma viela, onde, assim que se livram do

congestionamento, aceleram em disparada, avançando entre filas de carros estacionados cujos retrovisores ou estão recolhidos ou foram simplesmente arrancados.

Laura fala ao longo de todo o percurso. Como se hoje fosse um dia qualquer, como se nossas vidas não estivessem em perigo, como se Roma fosse Cincinnati. Nem faixa de pedestre eles têm aqui? Buzinas ressoam. Um táxi quase arranca as rodas da frente do carrinho de bebê.

— O voo de vocês era de qual companhia aérea? — grita Laura.

— Meu Deus — diz Shauna.

Tenho vontade de me agachar no meio-fio com meus bebês nos braços.

Outra scooter (uma *motorino*, nos ensina Laura) se esgueira pelo meio da bagunça. Na pequena plataforma entre seus sapatos, o condutor leva uma bananeira de mais de um metro de altura plantada em um vaso. As folhas vão batendo no ombro dele, que segue em frente.

Resoluta, Laura atravessa o cruzamento, joga o lixo reciclável em uma série de lixeiras e aponta para algumas lojas mais adiante na rua. Ela parece estranhamente à vontade. É uma ilha de serenidade. Fico preocupado: será que deveríamos estar falando assim, tão alto? Em inglês?

Os meninos não emitem som algum. Faz calor. Prédios de apartamentos assomam sobre lojas, centenas de sacadas repletas de gerânios, palmeiras anãs, tomateiros. Do lado de fora de bares, adolescentes tomam café em copos de vidro. Homens com macacões azul-marinho e coturnos estão parados em pé em frente a bancos, pistolas penduradas no quadril. Passamos por uma concessionária Fiat que tem o mesmo tamanho do

salão de beleza ao lado dela. Passamos por uma pizzaria; um velho atrás do balcão de vidro arranca uma flor da ponta de uma abobrinha.

Na seção de alimentos infantis de uma *farmacia*, procuro desesperadamente por qualquer produto reconhecível e encontro rótulos ilustrados com coelhos, ovelhas e, pior ainda, pôneis.

Laura nos ajuda a achar um caixa eletrônico e nos mostra onde comprar fraldas descartáveis. Faz questão também de que aprendamos direito os nomes dos bairros:

— Trastevere fica atrás de nós, descendo as escadarias. Gianicolo, onde moramos, é apenas o nome da colina. Nosso bairro, onde estamos agora, se chama Monteverde.

— Monteverde — repito, treinando.

Colina verde.

Antes de partir, Laura aponta para o hortifrúti.

— Um *presto* — diz ela, o que me leva a pegar meu guia de conversação. *Prestare?* Dar?

Então ela vai embora. Penso em Dante no Purgatório, virando-se para dizer algo a Virgílio e descobrindo que ele não está mais ali.

Na banca de verduras, descobrimos do pior jeito que não se deve tocar nos alimentos; o correto é apontar para as *insalattine* ou os *pomodori* para que o vendedor os coloque na balança. O açougueiro deixa os ovos em caixas abertas, tostando ao sol. Não há etiquetas nas carnes; aponto para algo cor-de-rosa e desossado e cruzo os dedos.

As embalagens de Kit Kat são vermelhas, e não cor de laranja, como nos Estados Unidos. O italiano é melhor. As peras também são mais saborosas. Devoramos uma, deixando pingar sobre a cobertura do carrinho de bebê. Os tomates, uma

dúzia deles, embalados em um saco de papel, parecem ter luz própria.

Os bebês chupam nacos de biscoito. Deslizamos suavemente debaixo de sol e sombra.

A duas quadras do mercado, em uma rua chamada Quattro Venti — os quatro ventos —, o aroma de uma padaria envolve a calçada. Travo o carrinho de bebê, abro a porta, entro e dou de cara com uma aglomeração. Todo mundo se empurra, quem acaba de entrar abaixa a cabeça como se fosse mergulhar e abre caminho se contorcendo até chegar ao balcão. Será que devo pegar uma senha? Devo gritar para fazer meu pedido? Tento repassar mentalmente meu vocabulário de italiano: oito tardes em um curso de idiomas em Boise, quatrocentos dólares, e neste momento só consigo me lembrar de *tazza de tè*. Xícara de chá.

Uma mulher de bigode é empurrada na minha direção, meu queixo encontra seu cabelo. Ela cheira a leite azedo. Pães vêm e vão sobre minha cabeça. Sei dizer *ciabatta*. Sei dizer *focaccia*.

Atrás do balcão, os únicos italianos que vi usando shorts até agora deslizam com tênis brancos no piso coberto por uma fina camada de farinha. A multidão me empurra para um canto. Homens que acabaram de entrar já estão pegando seus pedidos e pagando a conta.

Sementes de papoula, gergelim, uma bola de papel encerrado. Sou um caroço debaixo da pedra de moinho. Pela porta de vidro, vejo Shauna debruçada sobre os meninos, que estão berrendo. Tudo parece girar. Quais são mesmo as palavras? *Scusi?* *Permesso?* Conseguiremos sobreviver sem pão. O ano inteiro, se preciso for. Abaixo a cabeça como um touro e abro caminho até o lado de fora.

A padaria não é meu único fracasso. Procuo um chaveiro em uma loja de ferragens, mas o proprietário permanece parado à minha frente, segurando firme uma mão na outra, disposto a ajudar, porém eu não sei como dizer “chaveiro” ou “estou só dando uma olhada”, de modo que ficamos nos encarando durante um minuto sem dizer nada.

— *Luce per notte*. — Finalmente consigo balbuciar. — *Per bambini*.

E, embora eu não esteja ali para comprar luminárias especiais para as crianças, ele me mostra uma e eu compro. Os chaveiros podem esperar até que eu consiga voltar com um dicionário.

De acordo com um resumo de duas frases do projeto que precisei apresentar à Academia, vim para Roma para continuar a escrever meu terceiro livro, o segundo romance, sobre a ocupação alemã de uma cidadezinha na Normandia entre 1940 e 1944. Trouxe comigo mais ou menos cinquenta páginas de prosa, algumas fotos de aviões B-17 despejando bombas incendiárias e um acúmulo desordenado de anotações.

O estúdio onde trabalharei fica no palácio ao lado do nosso prédio: a própria Academia Americana — silenciosa, gigantesca, imponente. Enquanto os bebês tiram uma soneca durante nossa primeira tarde completa em Roma, atravesso o grande portão, aceno para o porteiro em sua minúscula cabine e subo as escadas da frente carregando meus cadernos. Uma seta à esquerda indica “escritório”; uma à direita indica “biblioteca”. O pátio é cheio de cascalho e jasmim. Um filete d’água verte de uma fonte. Cumprimento com um leve meneio de cabeça um homem vestindo camiseta preta, os olhos injetados, os antebraços sujos de tinta a óleo.

O estúdio 235 é um retângulo com pé-direito alto chamado Estúdio Tom Andrews, em homenagem a um poeta hemofílico que recebeu a mesma bolsa que eu. Ele trabalhou aqui em 2000. Morreu em 2002. O espaço tem duas escrivaninhas, uma pequena cama de armar e uma cadeira de escritório cujo estofamento foi arrancado.

Ouvi dizer que Tom Andrews bateu um recorde mundial ao permanecer batendo palmas sem parar por catorze horas e trinta e um minutos. A primeira frase do segundo livro dele é “Que Nosso Senhor Jesus Cristo abençoe a motocicleta do hemofílico”.

Converso com ele enquanto mudo os móveis de lugar. “Tom, estou na Itália há vinte horas e só dormi uma.” “Tom, estou colocando três livros na sua estante”, aviso.

A janela do Estúdio Tom Andrews tem por volta de dois metros de altura e se abre para os doze mil metros quadrados de gramado e árvores que ficam atrás da Academia. Dividindo a paisagem ao meio, a cerca de seis metros do parapeito da janela, há o tronco de um magnífico pinheiro-manso.

Notei que o bairro está cheio dessas árvores: troncos sublimes, sem galhos, altíssimos, suas copas subdividindo-se como se fossem dendritos de neurônios. Nos próximos meses, ouvirei as pessoas se referindo a elas como pinheiros-italianos, pinheiros-romanos, pinheiros-mediterrâneos, pinheiros-sombrinha, pinheiros-guarda-chuva, pinheiros-mansos. Todos esses nomes se referem à mesma coisa: *Pinus pinea*. Árvores majestosas, imperiosas, ao mesmo tempo indomáveis e serenas, príncipes que dormem como anjos, mas têm sonhos fervilhantes.

Meia dúzia de pinheiros-guarda-chuva se ergue atrás da embaixada que fica do outro lado da rua; uma fileira deles

projeta as copas acima do muro de trezentos e sessenta anos que delimita os gramados da Academia. Nunca imaginei que Roma tivesse árvores como essas, que uma cidade de três milhões de habitantes fosse um jardim vivo, com limo nos vãos das calçadas, hera balançando debaixo de arcos, alcaparreiras cobrindo muradas antigas, tomilho brotando em campanários de igrejas. De manhã, os paralelepípedos estavam escorregadios devido ao limo. Nas ruas por onde Laura nos levou, tufos de bambu farfalhavam clandestinamente nos pátios dos prédios residenciais, pinheiros conversavam com palmeiras, ciprestes se postavam ao lado de laranjeiras. Vi um chumaço de hortelã crescendo em uma fenda na calçada, em frente a uma videolocadora.

Dos três livros que eu trouxe, um é sobre a ocupação nazista da França, por causa do romance que estou tentando escrever; outro é uma seleção de citações de *História natural*, de Plínio, o Velho, porque o texto na contracapa diz que a obra apresenta uma visão do mundo natural como era entendido na Roma do século I. O último é um guia de árvores que dedica meia página ao pinheiro-manso. *A casca tem coloração castanho-acinzentada e é gretada. De tempos em tempos, a casca cai e, em seu lugar, ficam porções de uma coloração castanho-avermelhada.*²

Uma nogueira frondosa, um olival; tílias, macieiras, uma cerca viva só de alecrim. Os muros que delimitam esses jardins chegam a dez metros de altura em alguns pontos, as pedras esmaecidas pelo tempo, os trechos superiores demarcados por fendas estreitas usadas por arqueiros no passado, as amuradas carregadas de ervas daninhas. Antes de haver eletricidade, antes mesmo que o pinheiro-manso perto da janela fosse uma pinha, no tempo em que o céu noturno sobre o Gianicolo era tão es-

trelado quanto o céu de qualquer outro lugar, Galileu Galilei montou seu novo telescópio durante uma festa neste mesmo jardim, bem debaixo da minha janela, e mostrou o firmamento aos convidados.

A cinquenta metros dali, Shauna está lidando com os bebês. Penso no jeito como Owen mexe a cabeça, nos olhos redondos de Henry.

“Eles são milagres”, digo ao fantasma de Tom Andrews.

Nascidos de células menores que o ponto final deste parágrafo — *muito* menores que esse ponto —, os meninos de repente ficaram grandes e barulhentos e encharcam de baba a frente das roupas.

Abro um caderno em uma página em branco. Tento registrar algumas frases sobre gratidão e encantamento.

Fritamos costelas de porco em uma frigideira amassada, bebemos vinho em copos de água. Andorinhas sobrevoam o terraço em alta velocidade. Os meninos acordam a noite inteira e choram nos berços estranhos. Dou mamadeira a Henry à meia-noite e quarenta (o relógio do micro-ondas indica 0:40), troco a fralda dele e finalmente consigo convencê-lo a dormir. Deito no sofá, a cabeça apoiada em uma pilha de sacos de fralda e dois panos babados esticados por cima de mim como guardanapos — nosso único cobertor está na cama, com Shauna. Dez minutos. Vinte minutos. Por que me iludir? Apenas um sonho e Owen acordará.

O que foi mesmo que Colombo escreveu em seu diário de bordo ao zarpar da Espanha? “Acima de tudo, convém que eu me esqueça de dormir e dedique toda a atenção à navegação para obter êxito.”³

**DO AUTOR VENCEDOR DO PULITZER E BEST-SELLER
NÚMERO 1 DO *THE NEW YORK TIMES*, UM DELICA-
DO LIVRO DE MEMÓRIAS SOBRE VIVER, ESCREVER
E CRIAR OS FILHOS PEQUENOS NA CIDADE ETERNA.**

Anthony Doerr recebeu muitos prêmios ao longo da carreira, entre eles o Rome Prize, uma das mais importantes premiações da Academia Americana de Artes e Letras, que inclui ajuda de custo, um apartamento e um estúdio para escrever na Itália. *Quatro estações em Roma* nasceu das memórias dos doze meses que o autor passou na cidade, em meio aos cuidados com os filhos bebês, uma insônia constante e o misto de deslumbramento e estranheza de um estrangeiro no dia a dia da capital italiana.

“Uma reflexão apaixonada sobre aprender a enxergar e celebrar tanto o que conhecemos quanto aquilo que nos é estranho.”

ENTERTAINMENT WEEKLY

“Uma linda ode a Roma, uma carta de amor apaixonada que vai encantar quem se interessa pela Cidade Eterna.”

THE BOSTON GLOBE

“Delicioso, divertido e cheio de cenas memoráveis. Não vá a Roma sem lê-lo.”

KIRKUS REVIEWS

